

À Biblioteca Pública de
Braga

TANUDO NA LIVRE

14
JULHO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Lá e Cá

«Apesar de proibida em Portugal, ninguém pense que a Maçonaria não existe. Existe e trabalha. Trabalha na sombra como o chamado Partido Comunista Português. Mas trabalha. E tanto no Continente como nas Províncias Ultramarinas».

Esta desassombrada e oportuna afirmação vem publicada nas *Novidades*, de 3 do corrente mês de Julho.

Vamos já dar aos nossos leitores um exemplo de como trabalha a Maçonaria em Portugal, dando inteira razão à local das *Novidades*.

O Capitão Manuel D. Carreto, falecido há um ano, foi um português ímpoluto, de antes quebrar que torcer: dignidade, carácter, honradez, lealdade, valor, eram nele virtudes naturais, vividas e praticadas em grau exemplar e em jeito de quem realiza um hábito sem esforço. Fidelidade integral à Lei de Deus e da Sua Igreja, amor à Pátria, dedicação inextinguível à Revolução Nacional, devoção ao serviço público — de tudo isso foi modelo acabado. Morreu novo, mas no seu posto, vitimado, na presidência da Câmara Municipal de Castelo Branco, por um excesso de trabalho, desinteressado e espinhoso, donde nunca arrecadou nem benesses nem favores.

Ali se rodeou de uma equipe de vereadores inteligentes, dinâmicos, como ele devotados à causa pública e que honram não apenas o concelho que representam, mas as próprias instituições municipais, por vezes tão mal entregues...

No seu curto mandato, surgiu a necessidade da construção do Palácio da Justiça de Castelo Branco; os serviços técnicos da Câmara estudaram o caso; o arquitecto urbanista procedeu de igual modo. A solução encontrada

(Continua na 4.ª página)

O Conselho Municipal aprovou o pedido de empréstimo de 500 contos.

Reuniu, na passada quinta-feira, o Conselho Municipal a-fim de se pronunciar sobre o pedido de um empréstimo para electrificação de várias freguesias do Concelho.

Presidiu o sr. Carlos Malleiro, presidente da Câmara, ladeado pelos conselheiros srs. António Barbosa de Macedo e José António Pires.

O Conselho aprovou o pedido de empréstimo de 500 contos quantia considerada necessária para fazer face às participações do Estado já Concedidas.

O Secretário Nacional de Informação

em CALDELAS

Esteve, esta semana, em Caldelas, o sr. dr. Moreira Baptista, Secretário Nacional de Informação.

Depois de uma visita a Braga, a tratar de diferentes assuntos, entre os quais a inauguração da Piscina, o ilustre visitante, a pedido do sr. presidente da Câmara e do sr. Presidente da Junta de Turismo de Caldelas, dirigiu-se a Caldelas para se certificar das necessidades e anseios daquela formosa e famosa estância.

Acompanhou-o o sr. Governador Civil. Sua Ex.ª gostou muito das belezas naturais de Caldelas e suas redondezas tendo o sr. dr. Ortigão de Oliveira, prestigioso presidente da Junta de Turismo, exposto sobre a necessidade de uma piscina, um cinema e um parque, aspirações que já foram expostas superiormente. O sr. Secretário Nacional de Informação prometeu a sua valiosa ajuda, ficando em todas a impressão e esperança de que aquelas realizações vão ser uma realidade em breve.

Os Ruídos

Um dos grandes flagelos que atormentam o homem civilizado, sobretudo o que vive nas grandes cidades, é o do barulho, esse terrível inimigo da saúde, da paz, da calma tão necessária a quem trabalha.

A vida moderna trouxe mais este problema, a juntar a tantos outros que perturbam profundamente a existência quotidiana e para os quais, sobretudo para este, é preciso encontrar solução.

As consequências do ruído insólito, flagrante, constante ou inesperado são de tal modo graves em todo o mundo civilizado, que neste momento—Maio de 1962—está reunido na Áustria, em Salzburgo, o Congresso Internacional contra o Ruído, no qual países discutem a imperiosa necessidade de se lutar com

meios de reconhecida eficácia contra esse factor de desequilíbrio físico, espiritual e até moral.

O maior antídoto é sem dúvida o do esclarecimento, pois chegou-se à conclusão de que a maioria dos ruídos produzidos nas grandes cidades são quase sempre evitáveis e podem suavizar-se até, afinal, com o salutar remédio evangélico de que «*não devemos fazer aos outros aquilo que não desejariamos que nos fizessem.*»

Ora a Imprensa, a Rádio e a Televisão podem desempenhar benéfica acção nessa cruzada de esclarecimento, lembrando a toda a gente, em nome do interesse geral, hoje amanhã e sempre que

(Continua na 5.ª página)

Histórias Edificantes

Vou contar-lhes um caso que vi relatado há dias num jornal socialista francês.

Nos países novos da África, como se sabe, a Imprensa é rudimentar. Por isso está a dar-se ali a transposição de uma cultura caracterizada por sociedades privativas, para

uma cultura também oral, mas não directa: a cultura transmitida através da rádio e da Televisão. Nas sociedades que evoluíram normalmente, o caminho foi da cultura de transmissão oral directa (de pessoa a pessoa) para a de transmissão escrita (através do jornal, da revista e do livro) e só depois desta tomou o caminho da transmissão oral indirecta, sem contudo prejudicar a transmissão escrita.

Devo dizer que não sucede assim nas províncias portuguesas africanas, onde há alguns dos melhores jornais da África, senão os melhores.

A França, que tem a preocupação de conservar nos antigos domínios do chamado continente negro e prestígio e a influência da sua língua e da sua cultura, tem um organismo oficial de cooperação que se preocupa com auxiliar os novos Estados africanos na criação da sua Imprensa. Foi por isso que em Madagáscar se fundou um grande jornal com o auxílio financeiro, material e técnico do Governo francês. Um grande jornal, com instalações amplas, máquinas excelentes e uma rotativa, que é

(Continua na 4.ª página)

RESPOSTA

A D. FUAS

Havia paz nesta terra
Porque ela estava parada;
Mas quando se pôs em marcha
Logo foi apedrejada.

Eu sempre estive com quem
Tem obras e não garganta;
Por isso a vossa cantiga;
Como sempre, não me espanta.

Digam lá o que quiserem,
(Ele há sempre falatório)...
E tu amigo D.Fuas,
Não tens culpas no cartório?...

Mas onde diabo foste
Um nome destes buscar?
Sabes quem era D. Fuas?
Queres-t' a êle comparar?...

UERBA

SANT' IAGO DE CALDELAS

Festividade Tradicional em Honra do Orago da Freguesia

Nos dias 24 e 25 de Julho de 1962

2-BANDAS DE MÚSICA-2

2-Importantes Concertos Musicais-2

PROGRAMA

Dia 16, Às 21 horas-Princípio da novena.

Dia 22, À mesma hora-Princípio do tríduo.

Dia 24

Às 10 horas-Reunião de confesores. Ao meio dia uma salva de foguetes e repique dos sinos anunciarão o começo das Festas.

À Noite:—Procissão de Velas em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Dia 25

Às 6 horas-Missa e comunhão.

Às 11 horas-Missa Solene a grande instrumental e sermão. Lembra-se aos organismos

Continua na 3.ª página

TRIBUNA AGRICOLA

A batata através dos tempos | Conselhos práticos

Segundo a opinião de vários cientistas, é oriunda da cordilheira dos Andes, na América do Sul. Na verdade, com as descobertas espanholas empreendidas por Francisco Pizarro, no primeiro terço do século XVI foi notada naquele continente, no Chile e Peru, a existência da batateira como planta espontânea e cultivada. Atribui-se a sua propagação aos Incas, povo que já reconhecia na batata um valioso recurso para a alimentação humana.

Graças às rotas dos navegadores, a cultura expandiu-se pelo Equador, Colômbia e Argentina, e na segunda metade daquele século passou ao México, E. U. A., Virgínia e Carolina do Norte.

Na Europa apareceu quando do regresso de alguns barcos de Pizarro, provavelmente como provisão alimentar da tripulação, admitindo-se também o louvável intuito de introduzir tão útil tubérculo na agricultura do nosso continente, Itália, Bélgica, Holanda e Áustria.

Drake divulgou-a em Inglaterra e W. Raleigh, em 1603, conseguiu fomentar a tal ponto o cultivo na Irlanda, que os emigrantes daquele país a levaram para a América do Norte sob o nome de batata «Irish». Entretanto os ingleses, através das suas viagens marítimas, deram-na a conhecer no Cabo, nas Índias, na Austrália, Nova Zelândia e na China. Pela mesma época começou a cultivar-se na Alemanha, como uma raridade botânica, mas a guerra dos 30 anos deu-lhe um forte impulso.

Em França, já em 1616 via-se a batata figurar na ementa da mesa real, como um manjar raro, mas só nos fins do século XVIII a cultura tomou verdadeiro incremento, graças à célebre campanha de Parmentier, a qual teve o mérito de mitigar a fome de 1769 que tanto emocionou o espírito da população francesa. Maravilhado com o evento obtido, Parmentier lembrou-se de levar a Versailles, a Luís XVI, um pequeno ramo de flores de batateira, o qual teve o melhor acolhimento do rei que o colocou na lapela, apesar dos sorrisos irónicos dos cortesãos que o rodeavam. Com tão favorável e significativa recepção conquistou-se a causa da batata.

A título de curiosidade destacam-se as interessantíssimas passagens da propaganda de Parmentier, que revelam o entusiasmo dedicado em prol da cultura e do consumo da batata. Quando dos ensaios na

planície de Sablons, foram encarregadas algumas sentinelas de vigiar o campo; todavia, a população, desejosa de ver o produto daquela nova planta, conseguiu iludir os guardas e retirar parte da colheita. Então Parmentier quis conhecer os autores e, caso curioso, em vez de os mandar prender antes os recompensou, visto considerar aquele acto um interessante meio de propaganda entre a classe rural. Outro facto, não menos de relevo, refere-se ao banquete

por ele oferecido a alguns dos homens mais ilustres do seu tempo, Lavoisier, Franklin, etc., que ficou memorável pela sua surpreendente e primorosa ementa, exclusivamente derivada da batata.

E quanto ao nosso País?

Atribui-se a sua introdução à época dos Filipes, mas só nos princípios do século passado começou a ser largamente vulgarizada a cultura, que hoje assume uma notável importância na economia nacional.

O trigo... «rei» dos cereais!

Por ser o trigo o cereal panificável mais estimado, dada a sua riqueza altriz, todos o tomam como índice de civilização e o quadro técnico da respectiva cultura continua a ser alvo das maiores atenções e cuidados por parte do agricultor. Por isso, nunca tiveram tão flagrante oportunidade, como na época actual, as palavras do nosso insigne clássico Padre António Vieira: «... A maior pensão com que Deus criou o homem é o comer. Lançai os olhos por todo o mundo e vereis que todo ele vem a resolver-se em buscar pão para a boca...»

Em boa verdade, o pão, que constitui a base alimentar da maioria dos povos, por todos é procurado, algumas vezes até com avidez, como infelizmente ainda sucede em várias regiões do globo.

Desde a criança, que logo nos primórdios da vida começa a pronunciar com tanto enlevo esse simples monossílabo revelador da necessidade orgânica, ao adulto, o pão é com efeito, mormente entre as populações caracterizadamente artíficas, sempre objecto de procura. E para o agricultor... ele representa também uma grande pensão, porque tem de o produzir!

O trigo, que pertence ao género *Triticum*, Lin., da família das gramíneas, é conhecido e utilizado há milénios. Foi encontrado em escrínios e túmulos obsoletos do Egipto e da Babilónia, atestando uma velha cultura representada por inscrições murais. Mais antigo que o arroz, apareceu na China no início do terceiro milénio antes de Cristo. Na Europa, começou a divulgar-se, juntamente com a cevada, durante a época neolítica nas regiões litorais do Mediterrâneo. E no decurso do império romano comia-se já pão, laborado com levedura, embora se desconhecêsse ain-

da a acção dos fermentos.

Só depois do advento do fabrico da cerveja na Europa e da respectiva levedura, o pão de trigo entrou no domínio geral.

Actualmente, e em todo o mundo, 600 milhões de pessoas vivem do arroz; nos países da Ásia, outros tantos habitantes vivem do arroz; nas regiões frias da Europa, 150 milhões nutrem-se de centeio; e na América e na África, mais de 50 milhões recorrem ao milho.

E o problema da alimentação, em tal sector, atinge tal acuidade que ainda há pouco tempo numa reunião plenária da F.A.O., realizada em Roma, ficou decidido por aquele organismo internacional, ante a mais angustiante conjuntura da produção e do comércio agrícolas, provocada pelo espantoso acréscimo demográfico, iniciar uma campanha mundial com vista a salvar-se a humanidade da fome.

Como se sabe, no nosso país, o trigo... é o «rei» dos cereais. E com o vinho e o azeite constitui a nossa trilogia alimentícia, com a primazia dentro das preocupações económicas.

A área de sementeira dos últimos anos, da ordem de 800 milhares de hectares, e uma produção de 8154 milhares de quintais, justificam-na inteiramente.

Mas o pretérito ano foi adverso e, por isso mesmo, convém apoiar a cultura trigueira numa política de eclectismo, no que se refere ao preço da terra (especialmente arrendamentos) e dos adubos azotados (que são a nossa dominante cultural), e à influência da mecanização, da utilização da água, do crédito e do cooperativismo, nele envolvendo as modalidades de mutualismo e previdência. Tudo; enfim, com vista à intensificação da cultura e ao abaixamento do custo de produção.

Aos avicultores

A Pseudo-Peste, também chamada doença de Newcastle, é uma das mais graves para os galináceos.

A fim de evitar prejuízos irreparáveis, vacine os pintos, contra esta doença, aos 15 e 60 dias de idade (consultar as instruções da casa fornecedora da vacina que se vai aplicar).

* * *

As aves mortas e abandonadas em qualquer parte do aviário, podem constituir focos disseminadores de graves doenças. Evite-os, portanto, enterrando profundamente, depois de cobertas com cal ou outro desinfectante, todas as aves mortas, ou então, o que será melhor, destrua-as pelo fogo.

Aos suinicultores

A grande mortalidade verificada nos leitões durante os primeiros dias de vida, tem como principal causa esmagamentos provocados pelas respectivas mães. Por isso, logo a seguir ao nascimento, e depois de bem limpos e secos com palha ou um pano, os leitões devem ser separados das mães e colocados num caixote com palha ou em qualquer outro local quente e abrigado.

* * *

A economia do tempo é indispensável em toda a exploração pecuária.

Por isso, sempre que possível o local a eleger para a construção das pocilgas deve ser junto das outras instalações pecuárias de modo a facilitar os trabalhos de exploração e vigilância.

Aos vaqueiros

Para produzir leite são e limpo não o deve filtrar através de panos, porque estes só retêm as impurezas maiores. Filtre-o imediatamente a seguir à ordenha utilizando algodão o qual deverá ser substituído logo que esteja sujo. Depois de passado todo o leite queime os pedaços de algodão que utilizou para o filtrar.

* * *

Pode dizer-se que do vaqueiro dependem, em grande parte, os lucros ou as perdas de uma vacaria. Consoante a maneira como tratar um animal e conduzir a ordenha, o vaqueiro pode fazer de determinada vaca uma boa ou má leiteira.

Com efeito, a ginástica a

que todos os dias submete o úbere de cada vaca, tem uma poderosa influência na produção leiteira.

Não entregue a sua vacaria a qualquer tratador: escolha-o escrupulosamente.

Aos criadores em geral

A higiene é a melhor defesa contra as doenças. Uma boa limpeza, o isolamento dos animais doentes ou suspeitos, e o controle de insectos e roedores, são algumas das medidas indispensáveis ao bom andamento de qualquer exploração pecuária. As drogas são úteis, contudo não bastam se se descuidar a higiene.

* * *

Longe vai o tempo em que o lavrador não precisava fazer as contas da sua exploração pecuária. Hoje, tudo mudou, podendo até dizer-se que, sem uma contabilidade cuidada, qualquer empreendimento pecuário será uma aventura.

Pode saber, no momento desejado, se a manutenção deste ou daquele animal, desta ou daquela espécie, é ou não anti-económica, constitui uma necessidade imposta pelas circunstâncias ao lavrador dos nossos dias. Faça, pois, as contas da sua exploração pecuária.

Não esqueça que...

—Os parasitas das aves são causadores de graves doenças.

—Os cadáveres dos animais que morreram com Carbúnculo não devem ser esfolados.

—No peixe, quando fresco as guelras deverão estar brilhantes, húmidas e vermelhas.

—Durante o tempo quente os bebedouros das aves devem estar à sombra;

—A Aménia dos leitões é causada por uma alimentação desequilibrada;

—A presença de moscas e mosquitos nos estábulos é altamente prejudicial à saúde dos animais;

—A ordenha bem feita deve ser realizada a fundo;

—As galinhas, quanto mais gordas, menos ovos põem;

—Os ovos com a casca limpa eclodem melhor de que os de casca suja;

—Qualquer animal doente deve ser isolado dos restantes;

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO SANT' IAGO DE CALDELAS

***** Aos amigos de perto e de longe *****

No próximo dia 15 realiza-se em Lago a tradicional festa do Senhor da Saúde.

muitos e bem ornamentados andores, anjos e figuras alegóricas. As associações pa-



A novena preparatória continua a realizar-se, às 20,30 horas, na igreja paroquial onde actualmente, e para o caso, se encontra, há dias, a milagrosa imagem. Há bastante concorrência de devotos a assistir todos os dias à novena. Entre as promessas a cumprir, no dia 15, há uma de mil escudos, por um milagre feito pelo Senhor da Saúde. Espero me será permitido contar-vos, mais em pormenor, este e outros milagres, em cartas próximas dirigidas aos amigos presentes e ausentes».

Não haverá noitadas com arraial porque isso contribuiria apenas para aumentar os desordens morais tão comuns nos arraiais nocturnos.

Há confissões e comunhões nos últimos dias da novena. No dia 15, além da missa de comunhão geral, às 6,30 horas, haverá missa cantada solene às 11 horas, com sermão do Senhor da Saúde. À tarde, às 16,30 horas, far-se-á a reza do terço com cânticos e bênção eucarística. Depois será organizada a procissão com

(Continuação da 1.ª página)

da A. C., Confrarias, etc. e a todos os da família paroquial a assistência à missa Solene, acto principal da nossa homenagem ao glorioso apóstolo e Mártir Sant' iago Maior.

Às 10 horas-Entrada da distinta Banda de S. Martinho da Gandara.

Às 15 horas-Entrada da afamada Banda de Vila Verde que logo se dirigirão aos coretos para um certame, que se prolongará até às 18 horas.

Às 18 horas: — Adoração e Bênção.

Às 19 horas — Solene Procissão na forma dos anos anteriores, espera-se que as crianças da figuração e toda a paróquia com as suas associações estejam presentes a tempo, facilitando a saída da Procissão à hora marcada.

Às 21 horas — Grande Arraial Minhoto com concertos pelas duas Bandas, até à meia noite solar, terminando as Festas a Sant' iago de 1962 com Uma Vistosa Sessão de Fogo de Artifício por dois dos melhores pirotécnicos desta Região.

Todos às Termas de Caldelas onde apreciarão as Grandiosas Festas, Carreiras eventuais entre Caldelas, Feira Nova, Vila Verde, Terras de Bouro e Braga, Ornamentações a cargo do Senhor António Abel de Freitas — Caldelas Vestuário do figurado da Procissão a cargo da Casa Castilho — Braga.



EM GOZO DE FÉRIAS

Encontra-se entre nós, em gozo de umas bem merecidas férias o nosso particular amigo Snr. Manuel Teixeira, presidente da União Católica Portuguesa do Canadá, e sua Ex.^{ma} esposa D. Rosalina de Fátima Machado Teixeira, assim como todos os seus 3 filhinhos.



Ao Snr. Teixeira e esposa que no Canadá tem prestado revelantes benefícios a todos os imigrantes portugueses que lá o procuram, filicitamo-los e fazemos votos para que passe no nosso meio uns agradável e benéfico descanso.

roquiais também estarão presentes sem falar na presença de inúmeros devotos.

Vosso J. Moreira

SALVÉ-14-7-962

Passa hoje dia 14 o seu segundo aniversário natalício o menino Manuel Alberto Lage da Silva Leite, filho do senhor Manuel Joaquim Rodrigues da Silva e da senhora Maria Eugénia da Silva Lage Leite, residentes em Lisboa.

Por tão alegre data seus pais padrinhos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e para que esta se repita por muitos anos na companhia de seus queridos pais.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quilosque Central Largo do Barão de São Martinho

Vida elegante

Fazem anos:

Hoje—O Snr. Domingos Veloso.

Dia 16—O Snr. Augusto Justiniano Rodrigues.

Dia 18—O Snr. José Gonçalves Leite, ilustre Guardalivros do Grémio de Amadores.

Salvé 13-7-62

Passou ontem o seu aniversário natalício a Sara, D. Rosalina de Fátima Machado Teixeira, estimada esposa do nosso particular amigo, Snr. Manuel Teixeira.

Por tão faustosa data Tribuna Livre felicita a ilustre aniversariante e faz votos que esta se prolongue por muitos anos na companhia de seu marido e filhos.

Histórias Edificantes LÁ E CÁ

(Continuação da 1.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

a última palavra da mecânica, instalado em oficinas perto de Tananarive.

Os técnicos franceses acompanharam e verificaram as instalações, em que não faltou nada: um verdadeiro primor da técnica moderna.

Quando pretenderam fazer as primeiras experiências de funcionamento sucedeu porém, uma coisa estranha: a rotativa não se mexia.

Espalharam-se os técnicos por todos os recantos das oficinas, examinaram os fios, verificaram as ligações, desmontaram os computadores e alavancas, reviram inclusive o esquema da montagem: tudo estava bem. Simplesmente, a *bisarma* continuava a não querer funcionar. Voltaram os técnicos a verificar uma por uma todas as peças, a experimentar um por um todos os fios. Nada. A bruta máquina não se movia. Atordoados, os técnicos encontraram-se perante um único recurso: telefonar para Paris.

Entretanto, começava o caso a ser conhecido em Tananarive. E foi então que uma alta personalidade do Governo malgache pediu para visitar o lugar juntamente com os técnicos franceses. Entrou na oficina onde estava a rotativa, circunvagou o olhar, lentamente, pelo lugar, deu uma volta à máquina, parou, abanou a cabeça e disse:

— Pois é. A máquina está bem e deveria trabalhar. Mas debaixo desta oficina há um antigo cemitério sagrado. E é por isso que ela não trabalha.

Entreolharam-se perturbados, os franceses. E só um deles se arriscou a medo:

— Então não haverá maneira de...

— Concerteza que há. É preciso acalmar os antepassados.

— E como.

— É muito simples.

A um sinal do importante senhor do Governo, aproximou-se um dos seus colaboradores, a quem ele segredou algumas palavras. O colaborador saiu, e não tardou a aparecer com um frango na mão. O senhor do Governo meteu a mão ao bolso e sacou de lá uma navalha. Abriu-a vagorosamente e, sem uma palavra, cortou de um só golpe a cabeça do frango.

Um esguicho de sangue do animal avermelhou o chão.

— Pronto. Já podem carregar no botão.

Os técnicos não entenderam logo. Foi preciso o senhor importante do Governo insistir:

— Podem carregar no botão.

Desorientados com a cena, os técnicos franceses carregaram no botão de funcionamento. E logo a máquina principiou a trabalhar.

O jornal socialista francês não fez comentários sobre o facto. Na verdade, talvez não seja necessário.

Leio noutro jornal — jornal português da província — um artigo do Dr. António Matoso a comentar um livro do escritor inglês Sean O'Callaghan, que presenciou coisas muito interessantes em certos países da África e do Próximo Oriente. Refere-se por exemplo, à Arábia Saudita e conta como funciona ali um mercado de escravos — onde senão encontram apenas negros, mestiços e orientais, mas também árabes mulmanos, apanhados nas muitas teias de artimanhas e traições, principalmente quando vão em peregrinação a Meca. Porque não faltam em Meca, a cidade santa, os negociantes da carne humana...

O escritor inglês assistiu escondido a um desses mercados, cujo final descreve desta maneira:

«A venda prolongou-se em entusiasmo até ao momento em que apareceu a última escrava. Era uma mestiça síria de cerca de catorze anos, com longos cabelos negros a cair-lhe sobre os peitos nus. Gritava como louca debatendo-se contra os guardas, com raiva tigrina. Dois homens arrastaram-na para o estrado. Um dos brutos, enorme, segurava-a pelos pulsos enquanto o outro a fustigava sem piedade. Ela tinha as costas e o baixo dorso cobertos de horríveis vergões vermelhos, de tal modo que me parecia sentir estalar aquela carne tenra. O vendedor, com medo de que lhe estragassem aquele objecto de valor, gritava aos guardas que parassem, mas eles, excitados, nem o ouviam. Teve que saltar para o estrado e obrigá-los, às bastonadas, a largar a presa. Mesmo assim, depois de arrastada para o estrado, a rapariga continuava a bater-se com os que a conduziram. Foi preciso amarrar-lhe os braços atrás das costas, para conseguir que ela se submetesse ao exame dos compradores...»

Também não vale a pena fazermos comentários. Trata-se de um país progressista, a Arábia Saudita — um país progressista que na ONU ataca Portugal e que tem ali o mesmo voto, o mesmo peso, a mesma importância, a mesma qualidade dos países mais civilizados, de mais alto nível intelectual e moral, de maiores créditos como poderes civilizadores.

Comentar — para quê? O comentário está contido nos próprios factos, não é verdade?

mereceu inteira e incondicional aprovação dos serviços competentes dos Ministérios das Obras Públicas e da Justiça.

A Câmara, da presidência do Capitão Manuel D. Carreto, em face disso, assim o decidiu.

Caiu Tróia nos arraiais da Maçonaria da Beira Baixa! É que o respectivo corifeu, sem aparecer, claro, mas através das subtis influências que exerce através de conhecidos e desconhecidos, designara o dito lugar para nele se erigir, sob a capa do culto de Minerva, mais ou menos folclórico, instituição que servisse de disfarçado templo para o exercício do culto maçónico em que ele oficiaria.

Ousou ele, por isso, opor-se à decisão da Câmara, mas logo sentiu o peso do ânimo do seu presidente, lutador vigoroso, em prol de Deus, da Pátria e de Castelo Branco, cidade cristã, fiel aos grandes ideais da História e da Grei.

E foi tal a *sora* aplicada ao dito corifeu, que este, encolhido e envergonhado, bateu em retirada, prudente e cautelosa. Desapareceu. Mas o capitão Carreto faleceu há um ano. E a Maçonaria não perdoa.

Está já aprovada por despachos ministeriais a solução municipal. Pois apesar disso, o corifeu voltou agora corajosamente, após o desaparecimento do capitão Carreto, a pretender que o dito local seja destinado não ao Palácio da Justiça, mas ao que ele... quer e deseja.

Claro é que ele não aparece. Mas mete outros à frente.

Onde? Onde havia de ser: *les ben ix esprits se rencontrent*.

Ele soube manejar os cordelinhos para que aquele miserável «Jornal do Fundão» desencadeasse agora uma campanha vergonhosa contra o capitão Carreto, sob o pretexto da localização do Palácio da Justiça de Castelo Branco.

E vai daí meteu a falar para o dito jornal vários *corajosos* que, enquanto o capitão Carreto foi vivo, nem sequer pensaram em se atrever a parecer-lhe de frente. Depois de morto, vêm para a rua impantes dizendo asneira sobre asneira.

Simplesmente é tempo perdido: a Câmara Municipal de Castelo Branco, a cidade, o concelho, a comarca, a Beira Baixa, o Ministério das Obras Públicas, o Ministério da Justiça, conhecem nos e sabem as razões que os movem (alguns deles nem sequer delas suspeitam, fazemos-lhe essa justiça).

Havemos de aqui referir explicitamente o que alguns deles disseram e andam dizendo e tanto faz que sejam senis condes de nome como folclóricos alcaides da banda. Descansem, todos — o có-

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Secretaria de Estado da Indústria
DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a EMPRESA DAS ÁGUAS M. M. DICINAIS DE CALDELAS, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasolina, constituída por um reservatório subterrâneo, com a capacidade total aproximada de 5.000 litros, sita na E.N. n.º 308, Km 43,875, freguesia de S. Tiago, Cadelas, concelho de Amares, distrito de Braga.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29.034 de 1/10/938, que regula a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36.270 de 9/5/947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com as inconvenientes de mau cheiro, perigo de incêndio e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29.034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação, sita na Rua do Padre Cruz, n.º 62, no Porto.

Porto, 13 de Junho de 1962.

O engenheiro-chefe da Delegação
Artur Mesquita

«IDEIA E REALIZAÇÃO»

As exposições de arte realizadas simultaneamente com os *Exposições de Arte* têm carácter acentuadamente pedagógico e didáctico como todas as manifestações destes festivais realizados expressamente para os operários do maior centro industrial da Alemanha. Se bem que transmitam conhecimentos, sugestões e prazer estético aos conhecedores e aos peritos, têm, em primeiro lugar, a missão de expor aos leigos a importância das Belas Artes. Verificou-se que sobretudo a juventude de uma cidade industrial acusa forte receptividade, precisando, por outro lado, de uma orientação que lhe permita atravessar a ponte que leva à compreensão e à verdadeira apreciação. As exposições em Recklinghausen recorrem, por isso, de preferência ao confronto, como se depreende dos temas dos últimos anos: «Arte Alemã e Francesa do Presente», «O Homem e a Forma», «Início e Maturidade», «Beleza Saida das Mãos», «Beleza Saida das Máquinas», «Apolíneo e Dionisiaco». A exposição realizada

este ano está subordinada ao título «Ideia e realização».

Do esboço até à obra...

Continua na 5.ª página

Secretaria Judicial de Braga

ANÚNCIO

Pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca, 2.ª Secção, correm éditos de TRINTA dias, contados da segunda última publicação deste anúncio, citando o *reú* ARTUR DE JESUS DA SILVA, solteiro, maior, com última residência conhecida em Bouro, Amares, ausente em parte incerta, para no prazo de DEZ dias, posterior aos éditos, contestar, querendo a acção com processo sumário que lhe move Castro & Magalhães, com sede na Rua do Carvalhal, Braga, a qual pede que o réu seja condenado a pagar-lhes a quantia de dezasseis mil e cento e juro de seis por cento desde o vencimento da letra junta aos autos até efectivação do reembolso. — Com a contestação deve o réu declarar se confessa ou nega a firma aposta na letra referida.

Braga, 18 de Junho de 1962.

O Escrivão de Direito

(Jaime da Cruz Calha)

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito

(Manuel Monterroso G.)

Transcrito do Jornal «Agora»

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(Continuação do número anterior)

qual tem de comprido vinte varas, e de largo cinco; toda esta medição está circuitada de parede ao redor, e em si contem sessenta pes de oliveiras, e seis lorangeiras, e hum limoeiro, e outras mais arvores de fruto, e sem elle.

Item mais elles Louvados demarçaram o Campo do Passal que julgo ser o que no Tombo velho se chama a beyga velha, que medido na testa da parte do Sul ao Norte acharam que tinha de comprido setenta e seis varas, e vai esta medição confrontar com o caminho que bai pera a Igreja, próximo, a esta confrontação está hum bocado de terra mais estreita que por nome he chamado a Orta velha, que de largo, do Nascente ao Poente tem doze varas, e em quanto ao comprimento entra na medição acima referida, e na testa da parte do Sul trinta e nove varas e no meyo sessenta e quatro, e de comprido do Sul ao Norte isto he, principiando a medir no canto de baixo da propriedade que possui o caseiro Izidorio de Azevedo, ou pera melhor ser conhecido, debaixo das hortas que possuem os caseiros desta Igreja, athe, o campo chamado a Vinha velha que fica da parte do Norte acharam que tinha de comprido sessenta e oito varas; tem arvores de fruto, e sem elle que daram de vinho quatro almudes, levará esta propriedade de sementeira dois almudes e meyo de centeio; parte da banda do Nascente e Norte com terras do mosteiro de Bouro, e das outras partes consigo mesmo, e declaro que medida esta propriedade tambem pello fundo da parte do Nascente, isto he, do Norte enthe o Sul e Poente, acharam cincoenta e nove varas.

Item medirão elles Louvados o mato que fica próximo da Igreja, na parte mais larga acharam que tinha de comprido de Norte ao Sul cento e setenta varas, e do Nascente ao Poente oitenta e oito varas medido pello meyo de hum marco ao outro, e declaro que da parte do Poente fica esta propriedade distinguindo se de outras sortes que as estam possuindo os caseiros desta Igreja com cruces que se acham estampadas de alto a baixo em alguns penedos, desta parte confronta com terras desta Igreja, e do Sul com as mesmas propriedades, do Norte e Nascente com terras do mosteiro de Bouro.

Item medirão elles Louvados o mato do Outeiro que figura confrontando com matos de Cabadoço principiando da parte do Nascente pera o Poente, acharam que tinha de comprido duzentas e dezasseis varas, chegando enthe o direito das oliveiras do Senhor, e pera diante não passaram por se achar já emprazado a esta propria Igreja, e da parte do Nascente vay entestar esta medição em huma parede de huma bouça que está possuindo Pedro Jose do lugar de Cavadoço, e proximo a esta parede mandou elle Reverendo Commissário se abrisse huma Cruz em huma pedra pera maior clareza, isto he da parte de Nascente, bay partindo esta medição pera o Poente em direitura do caminho que vem de Rial pera Cavadoço, e ao fim desta medição se mandou tambem por outra Cruz em huma pedra; e da parte do Nascente a largura de trinta e duas varas, tem os do lugar do Assento posse de hir roçar por ser maninho da Igreja, e a mais parte que aqui excede a esta possuem na Manoel Vieyra do lugar de Cavadoço e Felipe Antunes do lugar de Crujeira, e Antonia Ines viuva do lugar de Rial, estes desta mesma freguesia... e aquelle da freguesia de Sant'Iago de Villela, e da parte do Poente isto na testa principiando do caminho que vem de Rial pera Cavadoço tem de Norte a Sul sessenta e oito varas; esta medição se entende athe as eiras dos caseiros deste lugar, e das eiras enthe huma bouça que possuem os caseiros Isidorio de Azevedo, Faostino Jose de Sousa e Miguel da Silva, acharam que tinha de largo dezasseis varas e de comprido do Sul ao Norte duzentas e sessenta varas, e no testa do Norte doze varas, isto principiando a medir de huma Cruz que fica parte do Sul, e vai pello monte acima caminhando athe huma parede que tapa o lugar do Assento desta Residência, dentro desta medição se acha huma casa com seu recio da qual he possuidor Gonçallo Fernandes; esta medição da parte do Nascente confronta com terras do mosteiro de Bouro, da parte do Sul com monte maninho, e das outras partes com terras desta mesma Igreja.

Item medirão huma bouça, a qual estam possuindo os caseiros no parrafo antecedente nomeados, tapada sobre si, a qual tem de comprido de Norte a Sul sessenta e quatro varas, e do Nascente ao Poente quarenta varas.

(Continua no próximo número)

Ideia e Realização

Continuação da 1.ª página

da, da primeira ideia à expressão efectiva, dos traços lançados rapidamente sobre o papel até ao quadro: quantas possibilidades de penetrar no processo de criação artística, no âmbito misterioso da génese e do amadurecimento de uma concepção artística! E se o homem simples, o observador superficial muitas vezes não poder avaliar em que consiste o passo decisivo de uma fase para a outra, se, por exemplo, não consegue reconhecer nos estudos de Géricault para a sua «Jangada da Medusa» como a ideia se vai condensando, a composição se torna cada vez mais clara e nítida, como a ideia dramática aumenta de ímpetu, ou se, no Balzac de Rodin, não consegue descobrir o longo caminho que levou o artista do simples desenho até à interiorização do poeta nas vestes monacais — o material desta exposição transmitir-lhe-á, pelo menos, a conclusão que arte significa trabalho e aplicação que mesmo o génio criador não recebe a obra como dádiva dos Deuses mas tem de conquistá-la trabalhando e lutando duramente.

Em Recklinghausen apresentou-se a génese de obras de 70 artistas de seis séculos. Das obras da idade média, quase sempre anónimas, não há esboços. Na Renascença começam a evidenciar-se individualidades; o esboço assume maior importância e é frequentemente comparado com a obra definitiva. Desde então o esboço, o rascunho espontâneo adquirem cada vez maior significado até que finalmente, na era moderna, toda e qualquer fase da génese de uma obra de arte é digna de toda a atenção. Nem sempre o caminho que leva da «ideia» à «realização» corresponde a uma evolução coerente que tem por meta um apogeu da criação artística. Frequentemente uma primeira fase capta a essência e a feição definitiva dada a uma obra significa uma descensão. Dá-se este caso, por exemplo, no «Estudo para um Mural na Scuola di San Marco», de Tintoretto ou nos Nazarenos, um grupo de românticos alemães de cujas pinturas acentuadamente académicas e quase hirtas desapareceu quase sempre a suavidade misteriosa da primeira visão.

Nos abstractos é possível seguir o caminho que leva do objecto, através do «estranhamento gradual» até à obra abstracta. A arte moderna recorre, talvez por isso, frequentemente à série. O apogeu artístico, a «realização» resulta da sequência de variantes de igual valor ou da selecção de uma de entre várias versões diferentes. É provável que deste processo se tenha deduzido o tema da próxima exposição em Recklinghausen: «Tema com variações», na qual se dará a palavra, em primeiro lugar, à arte moderna.

XXIII

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

Turuxa, apesar de encerrado no seu palácio, recebia com alvoroço o emissário do egrégio português e de cada visita que recebia mais se radicava no seu espírito que com a protecção e amizade do infatigável guerreiro podia mudar o curso das desventuras que tinham atingido os seus antecessores.

O príncipe, seguindo o fio do seu pensamento, já se via liberto das garras e da ambição do regente, que era rico e poderoso, terrível e desumano.

A família do detestado usurpador era numerosa — irmãos e parentes — e os melhores lugares e de maior confiança eram exercidos por ela, com verdadeiro despotismo.

O povo — a massa anónima e produtora — gemia sob a mais rígida tirania, mas por falta de força própria ou de auxílio externo não reagia para sacudir o jugo odioso de Rexamed e seus familiares, pois os usurpadores escudavam-se na força de um regimento que tinha ido propositadamente da Pérsia para esse fim e cujas despesas corriam, abusivamente, pelo tesouro do reino.

Afonso de Albuquerque, grande conhecedor dos homens e experimentado nas duras lides da guerra, estava precavido contra qualquer atentado que se desenhasse no horizonte do crime, pela mão do regente e seus acólitos.

Um acto político do exterior precipitou os acontecimentos internos, que mais cedo ou mais tarde se produziriam, dada a fricção de interesses augmônicos dos dois campos adversos.

Pouco tempo depois da chegada a Ormuz da esquadra do Vice-Rei, passou pela cidade

Os Ruídos

(Continuação da 1.ª página)

mos mutuamente e que o combate contra o barulho faz parte desse respeito absolutamente necessário e justo.

Mas não são apenas os órgãos da informação que podem e devem colaborar nessa campanha salutar, pois as autoridades competentes devem também actuar, pois são elas que, devido à extensão e eficácia dos seus poderes, podem evitar os desmandos e os abusos dos que, insensíveis às necessidades de limitação impostas pelo bem estar público, apenas se lembram de si e do seu egoísmo primário. Estes, infelizmente, só se convencerão ou vencerão pelo rigor da lei.

uma embaixada do Xá da Pérsia que ia a Goa, em missão oficial do seu governo cumprimentar a primeira autoridade portuguesa na Índia.

Uma vez que Afonso de Albuquerque se encontrava naquela cidade e para não ir de propósito a Goa receber a embaixada resolveu dar-lhe ali audiência.

Contudo, para dar a solonidade requerida à recepção do alto representante do Xá da Pérsia, como lhe cumpria e desejava, não dispunha de um palácio ou até de uma simples fortaleza portuguesa naquela cidade.

Porém, os factos conjugavam-se em perfeita harmonia que lhe facilitavam por em equação um dos mais prementes problemas que se relacionava directamente com Ormuz.

Como para grandes males, grandes remédios, o Vice-Rei.

Por fim renderam-se à evidência dos factos, mas o que viam mais lhes parecia a concepção e realização do demónio do que obra do genial Vice-Rei da Índia.

Quando Rexamed foi posto ao corrente da inacreditável realidade, teve um ataque de rubra cólera e foi ao palácio, onde increpou desabrida e indignamente o moço rei, assacando-lhe todas as culpas do que estava a suceder.

No auge do seu desespero tornou Turuxa responsável pela insegurança da cidade e do reino e profligou-o pela autorização que indevidamente dera ao estrangeiro português.

Turuxa, já sem receio nem medo do carrasco de tantos inocentes, respondeu com uma boa dose de ironia, dizendo que era preferível que Ormuz, tendo como consequência imediata a libertação de Turuxa da sua dura e inflexível tutela, restituindo-lhe toda a liberdade e o pleno exercício das suas prerrogativas reais.

(Continua no próximo número)

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco,—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

Não ficaria de bem com a minha consciência se não escrevesse duas palavras de respeitosa e muito sentida homenagem à memória do Padre José Dias, ilustre e saudoso presidente, que foi, na Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso.

Homem de carácter probo, de vontade firme, e de inteligência equilibrada e lúcida, era dotado de excepcional espírito combativo.

O seu carácter não se prestava a maliabilidades acomodaticias.

A sua vontade era indomável e nenhum obstáculo o fazia desanimar ou sucumbir. Provocado ao ataque, a reacção era imediata.

Como amigo, era inexcedível: leal, dedicado, serviçal até ao sacrifício.

Como adversário, era homem com quem se podia contar.

O seu temperamento nervoso, por vezes arrebatado, atirava-o para a liça com um ímpeto verdadeiramente feroz.

Mas não odiava ninguém, não falseava ninguém.

Era um adversário com quem se podia terçar armas, porque a sua acção era franca, era leal, era séria.

Como político, era de grande e habilidosa táctica.

Recordo-me, a propósito, de que, quando se debatia entre a Câmara de Vieira do Minho, da qual, á falta de homens, era eu obscuro presidente, e a da Póvoa de Lanhoso, a que o saudoso Padre José Dias tão distintamente presidia —, a questão dos li-

mites entre os dois concelhos, estava internada no hospital António Lopes uma minha serviçal, natural da freguesia de Serzedelo. E, conservando com ela, certo dia, o Padre José Dias, veio este a saber que ela estava ao serviço da minha casa.

Pois foi o bastante para ele, no dia seguinte ir á enfermaria dizer aos doentes que ia celebrar uma missa por alma de uma pessoa muito querida da minha família o que desejava que nenhum doente faltasse.

Essa atitude penhorou-me e sensibilizou-me profundamente.

Enérgico nas atitudes, sabia, não obstante, temperar essa energia com a necessária dose de generosidade.

É cedo, ainda, para se fazer a história política do Padre José Dias na Póvoa de Lanhoso.

Mas quando ela se fizer, mais tarde, ficarão os vindouros a saber que ele era um Homem de excepcionais pre-

dicados. Ele trabalhou sempre no sentido de minorar as dificuldades do pobres; cortou com estradas e caminhos Municipais todas as freguesias do seu concelho; electrificou-as quase todas; construiu fontanários, e, quanto á ordem pública, soube impô-la com mão de mestre.

O seu coração era um manancial de bondade, e sem o parecer.

Creio bem que nunca um perseguido lhe bateu á porta, que não encontrasse no Padre José Dias um lenitivo para a amargura, uma palavra amiga para a sua dor.

A sua grandesa dalma até na morte se manifestou.

Pedi para ser sepultado no cemitério da freguesia que durante tantos anos paroquiou, para ficar mais perto dos seus filhos espirituais.

Que Deus o tenha junto de Si, como recompensa bem merecida por tanto bem que praticou!

A memória do seu nome há-de perdurar por muitos anos, tenho essa certeza.

Oxalá assim suceda.

Amadeu Cesar

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE A
M O D E L A R

Telefone 62113

Amores

Visado pela C. de Censura

VERSOS DE RAPAZ

FLORES D'ALMA

Se no presente não tenho
Novos amores p'ra cantar,
Venho ao livro do passado
Velhos amores acordar...

Todas as vezes que sózinha passa
Vejo-a tristonha mas altiva, séria,
Porte distinto de fidalga graça,
Esbelta e branca qual visão etérea.

Mas não sorri! Que pesar a oprime?!
Essa tristeza que lhe fica bem,
Que no semblante tão real s'exprime,
No imo d'alma a sentirá também?

Quem é tão moça, tão gentil, tão linda,
E tecer pode encantadores projectos,
Que mais anseia, com que sonha ainda
Se á sua roda só encontra afectos?...

Ai, não te deixes abater, donzela,
Dissipa a nuvem que te turba o rostol
Na tua idade tão florida e bela
Não deve haver a sombra dum desgosto.

E na pureza azul da existência
Mais viva brilhará nova alvorada,
E verterão as rosas toda a essência
No teu virgíneo coração de fada.

Tens o caminho do futuro aberto
Ás alegrias sãs do coração;
Avante, Avante! qu'êlé está coberto
Com as flores d'alma que tão belas são!

Eu ficarei á margem do caminho,
Qual sentinela firme no seu posto,
A ver-te caminhar, branca d'arminho,
Sem uma nuvem já no lindo rosto.

Dum caderno d'antanho (inédito)

UERBA

Segue-se o Index dos capitulos, que começa pelo

PREAMBOLO PROLOGETICO

«Curioso leitor, nas tuas benevolas mãos exponho o grande The souro de Braga, á muitos seculos escondido no espaçoso campo do Gerez e caminho da Geira, hua das obras mais heroicas dos antigos Emperadores Romanos, e gloria immortal da Augusta Braga, a quem como seu amante filho lhe grangeey para mayor gloria sua, e credito de seus naturais filhos; porque diz o Espirito Santo que, quanto mayores são as honras dos Pays tanto mayores são as glorias dos filhos *Gloria filiorum parentes corum*, contudo me considero hoje mais vanglorioso por augmentar a Braga a gloria desta antiguidade, que tantos seculos estava sepultada entre as cinzas do esquecimento, nem por isso deve Braga ficar deslustrosa, porque diz o *Eclesiástico* que são mays gloriosos os Pays quando os filhos lhes subministram materia para o louvor; por isso que ordena que nos empreguemos sempre nos louvores de nossos gloriosos Pays: *Laudemus vivos gloriosos, et parentes nostros...* do que se segue que a gloria, que os filhos adquirem aos Pays, lhes resulta em grande lustre.

Neste grande desejo de augmentar glorias a Braga, e honra-la como querida Mãe, me via eu sem achar nova materia com que lhe grangeasse; porem advertindo que lhe não podia dar mayor honra nem grangear-lhe outra mayor gloria, do que em desentranhar do túmulo do esquecimento este mayor brasão de que a minha Augusta Braga se pode com razão jactar, qual he o caminho da Geira, e estrada do Gerês, que finaliza na nobilissima cidade de Roma, cabeça de toda a Christandade; na qual estrada se acharão da parte do nosso Portugal encubertos, e escondidos setenta e quatro padrões, que gravou a antiguidade os nomes dos mais heroicos e mobilissimos Emperadores Romanos que ennobrecerão a Augusta Braga, como neste pequeno volume pode ver se, cujos padrões estavam entranhados na terra á muytos seculos, e sepultados tanto no esquecimento, quanto só de tres se sabia, que a diligencia do Reverendissimo Doutor

PADRE JOSÉ DE MATOS FERREIRA

Precursor do Padre Martins Capela, na investigação da antiguidade romana da Geira
D. S.

restituir a moeda; e se considero ao mesmo tempo em V. M. hua vera effigie dos mais celebrados Cesares que venerarão as areas do Tibre; pelas suas heroicas acções, tanto mais Angustas quanto melhor he a luz que as dirige; não sei a quem se deva esta restituição senão a V. M. Bem pudera eu acrescentar o numero das inscripções, se me fosse lícito individuar aqui alguas das muitas proesas que de V. M. tem publicado as cem lingoas da fama com admiração e assombro do mundo, se me persuadisse que os voos da minha grosseira penna podiam remontar-se tão alto sobre a sua esfera; mas retarda-me qualquer ousadia neste projecto o proceder daquele orador que, havendo de declamar diante de Cesar, contrapondo a grandeza deste á sua propria eloquencia, confessou era ignorar a mesma grandeza de Cesar o querer orar em sua presença — *Cesar, qui apud te audent dicere, magnitudinem tuam ignorant*. E ainda o mesmo Principe da Oratoria grega-Demostenes me dá hua lição sobre este assunto: pois o considerar a Magestade de Filipe da Macedonia bastou para o emmudecer na sua presença, tendo então por melhor orador o silencio, que a si mesmo. O excesso de V. M. a Cesar, e a Felipe, e o daqueles dous oradores a mim proprio precisa-me o retiro ao sagrado do silencio, depois de abater a minha inculta e mal aparada penna aos pés de V. M. e manifestar a esperança com que estou de que V. M. receberá a restituição deste THE SOURO, como causa sua, por isso digna, e merecedora do seu Real agrado.

a) — Manoel Lapes Ferreira

(CONTINUA)